

José Carlos Oliveira

A VOLTA DO "DRAGÃO DA MALDADE"

"Gláuber Rocha vai te dar um tiro", diz um. "Pôxa, você foi muito cruel com o filme do Gláuber", comenta outro.

Ouçõ e nada falo. Como poderia explicar a Deus e ao diabo que gostei do Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro? É a síntese de uma experiência, o ponto de partida para novas aventuras. Tem qualquer coisa a ver com o entusiasmo juvenil dos cantadores do Nordeste, e se oferece como alegoria do drama latino-americano.

Mas não sou propagandista do cinema nôvo. Quando vou ver um filme de Gláuber Rocha deixo em casa o senso crítico, porque tenho pelo cineasta estima e admiração, mas entro no cinema com senso de humor. Tôda coisa tem um lado engraçado; até mesmo os temas que a maioria considera sagrados podem ser vistos por um ângulo risível. Apóio a dublagem; sou a favor da exibição de filmes brasileiros durante a maior parte do ano; mas não me alistei nessa guerrinha, embora antipatize solenemente com o Instituto Nacional do Cinema — antro de cineastas fracassados e ressentidos.

Estou à espera de uma carta fe-rca de Gláuber Rocha. Não é a primeira vez que isso acontece e a dis-

cussão sempre me pareceu estimulante. Dir-lhes-ei que é esplêndida a atuação de Hugo Carvana e de Odette Lara; porém a massa informe do povo, representado por mulheres e homens apanhados na rua, se fazia sentido em Deus e o Diabo, agora, no Dragão da Maldade, filme colorido, produção cara, fica sendo uma repetição desnecessária, um lance de auto-suficiência desmentida pelo resultado. Onde anda o Sindicato dos Extras? Cadê o manifesto semelhante àquele em que os atôres negros protestam contra a figura do Pai Tomás vivida por um branco?

Fui ver O Dragão com uma amiga que já tinha visto esse filme três vêzes. Ela é jovem (24 anos), inteligente, emancipada, e simboliza a geração do próprio Gláuber, cujo talento jamais ignorei, lamentando apenas que seus amigos insistam em reduzir uma série de problemas complexos a um simples dois-mais-dois-quatros, eu estou no lado certo e você no lado errado, quem não gosta dêste filme é reacionário, e coisas assim. (Atenção: os fanáticos do cinema nôvo é que falam assim. Gláuber, em pessoa, admite a crítica, por mais violenta e reconhece estar em transformação — isto é, mudando para melhor, olhando com olhos severos seus quatro filmes, maduro para a autocritica.)

Não se pode representar alegoricamente uma realidade inexistente, e assim o poeta, em Terra em Transe, e agora o professor, no Dragão da Maldade, em face dos dados reais resultam inconsistentes, arbitrários e ingênuos. É o mesmo que botar uma mulher de pedra segurando uma tocha de pedra, na entrada de uma grande cidade, e dizer que aquilo é a Liberdade. Posso botar uma zebra no mesmo lugar e tudo continuará na mesma.

Em outras palavras, a intromissão de um desejo, ainda que generoso, num cenário concreto que todos sabemos atualmente imobilizado, tem por fatal consequência a negação dêsse cenário. A fantasmagoria, por contágio, transforma a realidade em assombração — ou em science-fiction, se quiserem. O artista convence a Europa — todos vibramos com o sucesso de Gláuber em Cannes — mas os europeus julgam que a América Latina de hoje é algo sucinto como uma página do Le Monde. A consequência disso é uma ilusão cinematográfica equivalente a acreditar que Buenos Aires é a capital do Brasil. Entenderam?...

Ah! Não deu para entender? Então esperemos a carta de Gláuber Rocha, que tarda, mas não falha...